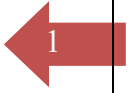


### III - CONVIDANDO O ESTRANHO



- «*Eu creio*»

À medida que escutando aquele estranho, qualquer coisa muda no interior dos dois infelizes caminhantes. Não só começam a sentir uma nova esperança e uma nova alegria tocar-lhes o seu ser mais íntimo, mas a sua caminhada também se torna menos hesitante. O estranho transmitiu-lhes um novo sentido de orientação. «Regressar a casa» já não significa voltar para o único lugar que lhes resta no mundo. A sua casa passou a ser mais do que um abrigo necessário, uma casa onde podem ficar enquanto não souberem que mais hão-de fazer. O estranho deu um novo sentido à sua caminhada. Aquela casa vazia tornou-se lugar de acolhimento, lugar para receber convidados, lugar para continuar a conversa entabulada de forma tão inesperada.

Quando sentimos apenas as nossas perdas, tudo aquilo que nos rodeia nos fala delas. As árvores, as flores, as nuvens, os montes e os vales, tudo isso reflete a nossa tristeza, tudo isso parece chorar connosco. Se a nossa melhor amiga morreu, toda a natureza nos fala dela. O vento sussurra o seu nome, os ramos, cobertos de folhas, choram por ela, as dalias e os rododendros oferecem as suas pétalas para cobrir o seu corpo sem vida. Contudo, à medida que vamos caminhando com alguém ao nosso lado, abrindo o coração para a verdade misteriosa de que a morte da nossa amiga não foi apenas o fim mas também um novo começo, não foi apenas crueldade do destino, mas caminho necessário olá ou para a liberdade, não foi apenas uma destruição horrível e tenebrosa, mas sofrimento que conduz à glória, então poderemos ir discernindo gradualmente um cântico novo que perpassa toda a criação, e o regresso a casa corresponderá ao desejo mais profundo do nosso coração.

- *Não tinha o Messias de sofrer essas coisas para entrar na Sua glória?*

De todas as palavras que aquele estranho proferira, houve uma que ficou nitidamente gravada na mente dos caminhantes: «Glória.» «Não tinha o Messias de sofrer essas coisas», dissera ele, «para entrar na sua glória?» O coração e a mente de ambos ainda estavam tão cheios das imagens de morte e destruição... e eis que surge essa palavra. «Glória.» Não parecia condizer com os acontecimentos passados e, no entanto, proferida por aquele estranho, incendeia o coração dos caminhantes, fazendo-os ver aquilo que não tinham conseguido ver até então. Era como se até àquele momento eles só tivessem visto o estrume que cobria o solo, mas nunca os frutos das

árvores adubadas pelo mesmo. Glória, luz, esplendor, beleza, verdade — tudo isto parecia tão irreal e fora do seu alcance! Agora, porém, ressoavam novas melodias no ar e novas tonalidades coloriam os campos. C) regresso a casa tornara-se uma coisa boa. A nossa casa chama-nos. A casa é onde se encontra a mesa — a mesa à volta da qual nos sentamos, para comer e beber com os amigos.

*- Fica connosco, pois a noite vai caindo e o dia está no ocaso.*

E aquele estranho? Porventura não se tornou nosso amigo? Ele incendeia o nosso coração, e abre-nos os olhos e os ouvidos. Ele é o nosso companheiro de viagem! A nossa casa tornou-se um lugar bom onde podemos receber o amigo. Por isso, os dois caminhantes exclamam: «Fica connosco, pois a noite vai caindo e o dia já está no ocaso.» O estranho não pede para ser convidado, não pede um lugar onde possa ficar. Na verdade, ele atua como se quisesse prosseguir viagem.

Contudo, os dois companheiros insistem para que ele entre, quase o obrigando a ficar com eles. O estranho acaba por aceitar e entra em casa para ficar com eles.

*- Jesus nunca nos força a aceitar a Sua presença.*

Talvez não estejamos habituados a pensar na Eucaristia como um convite feito a Jesus para ficar connosco. Estamos mais inclinados a pensar que é Jesus quem nos convida a partilhar a sua casa, a sua mesa, a sua refeição. Jesus, porém, quer ser convidado. Se não o for, prosseguirá viagem, em busca de outros lugares. É muito importante percebermos que Jesus nunca nos obriga a aceitar a sua presença. A menos que nós o convidemos, continuará a ser um estranho, possivelmente um estranho muito atraente e inteligente, com quem podemos ter entabulado um diálogo interessante, mas que não deixa de ser um estranho.

Mesmo depois de nos ter libertado de grande parte da nossa tristeza e de nos ter mostrado que a nossa vida não é tão pequena e mesquinha como pensávamos, Jesus pode continuar a ser alguém que encontrámos durante a viagem, a pessoa notável que se nos atravessou no caminho e falou connosco durante algum tempo, a personalidade invulgar acerca da qual até podemos conversar com os nossos familiares e amigos.

Eu tenho muitas recordações de encontros com pessoas que me deixaram o coração a arder, mas que não convidei para minha casa. Por vezes, Isso acontece numa viagem de avião de longo curso, outras vezes, no comboio, outras vezes ainda, numa festa. Depois disso, eu costumo dizer aos meus

amigos: «Deixa que te fale de alguém que conheci ontem. Era uma pessoa fascinante. Disse coisas tão extraordinárias que eu mal conseguia acreditar no que estava a ouvir. Até parecia que me conhecia intimamente. Sim, conseguiu ler os meus pensamentos e falou comigo como se me conhecesse há muito tempo. Era uma pessoa bastante especial, uma pessoa única, surpreendente até. Gostava muito que a conhecesses! Contudo, prosseguiu viagem... não sei para onde!»

Por muito interessantes, estimulantes e inspiradores que todos esses estranhos possam ser, se eu não os convido para minha casa, nada acontece verdadeiramente. Podem transmitir-me algumas ideias novas, mas a minha vida continua a ser basicamente igual ao que já era. Sem um convite, que é expressão do desejo de uma relação perdurável, a boa notícia que ouvimos não poderá dar frutos duradouros. Continua a ser uma «notícia» entre tantos outros tipos de notícias que nos bombardeiam diariamente.

É uma das características da nossa sociedade contemporânea que os encontros, por muito bons que possam ser, não se transformam em relações de amizade profunda. Assim, a nossa vida está cheia de bons conselhos, de ideias úteis, de perspetivas maravilhosas, mas estes vêm simplesmente somar-se às muitas outras ideias e perspetivas que nos invadem, não conseguindo «empenhar-nos» na sua defesa. Numa sociedade com tão grande sobrecarga de informações, até os encontros mais significativos podem ser reduzidos a «uma corsa interessante», dentre muitas outras corsas interessantes.

Só mediante um convite a «fica comigo» um encontro interessante se pode transformar numa relação transformadora.

*- Ouvi as suas palavras e o meu coração está a mudar ... por favor venha a minha casa.*

Um dos momentos mais decisivos da Eucaristia — e da nossa vida — é o momento do convite. Costumamos dizer: «Foi maravilhoso conhecê-lo, obrigado pelas suas ideias, pelos seus conselhos, pelo ânimo que me transmitiu. Espero que o resto da sua viagem corra bem. Adeus!», ou antes: «Ouvi as suas palavras, o meu coração está a mudar... por favor, venha a minha casa ver onde e como eu vivo!» Este convite a vir e ver é o convite que faz a verdadeira diferença.

Jesus é uma pessoa muito interessante; as suas palavras são cheias de sabedoria. A sua presença aquece o coração. A sua bondade e doçura tocam-nos profundamente. A sua mensagem constitui um forte desafio. Mas será que nós o convidamos para nossa casa? Porventura queremos que Ele venha conhecer-nos entre as paredes da nossa vida mais íntima? Porventura

queremos apresentá-lo a todas as pessoas com quem vivemos? Porventura queremos que Ele nos veja na nossa vida quotidiana? Queremos que Ele nos toque nos pontos em que somos mais vulneráveis? Porventura queremos que Ele entre na arrecadação de nossa casa nessas divisões que nós próprios preferimos manter seguramente fechadas à chave? Desejamos verdadeiramente que Ele fique connosco quando var caindo a noite e o dia já está no ocaso?

A Eucaristia requer este convite. Tendo escutado a palavra de Jesus, a nossa reação deve ultrapassar o simples «Que interessante! Devemos atrever-nos a dizer: «Eu confio em ti, entrego-me a ti, com todo o meu ser, corpo, mente e espírito. Não quero esconder-te segredo algum. Podes ver tudo o que eu faço e ouvir tudo o que eu digo. Já não quero que sejas um estranho. Quero que te tornes o meu amigo mais íntimo. Quero que me conheças, não só enquanto caminho pela estrada e converso com os meus companheiros de viagem, mas também quando me encontro sozinho com os meus sentimentos e pensamentos mais profundos. E, acima de tudo, quero chegar a conhecer-te, não só como meu companheiro de viagem, mas também como o companheiro da minha alma.»

Falar assim não é fácil, visto que somos pessoas temerosas, e que não abrimos facilmente todas as partes do nosso ser aos outros. O nosso medo de nos mostrarmos completamente abertos e vulneráveis é igual ao nosso desejo de conhecer e ser conhecidos.

*- Porventura confiamos realmente Nele, abrindo-lhe todas as partes do nosso ser?*

Há certas partes do meu ser que até de mim próprio eu escondo! Há pensamentos, sentimentos e emoções tão perturbadores que prefiro viver como se eles não existissem.

Se eu não confio em mim próprio, como poderei confiar noutra pessoa? Contudo, o meu desejo mais profundo é amar e ser amado, e isso só é possível se eu estiver disposto a conhecer e ser conhecido.

Jesus revela-se a nós como o Bom Pastor que nos conhece intimamente e nos ama. Mas será que nós queremos ser conhecidos por Ele? Será que queremos que Ele entre livremente em cada divisão da nossa vida interior? Porventura queremos que Ele veja tanto o nosso lado mau como o bom, tanto a nossa sombra como a nossa luz? Ou será que preferimos que Ele parta sem entrar em nossa casa? Por fim, é esta a interrogação que se levanta: «Porventura confiamos realmente nele, abrindo-lhe todas as partes do nosso ser?»

Quando, depois das leituras e da homilia, proclamamos: «Creio em Deus, Pai, Filho e Espírito Santo, na Igreja Católica, na comunhão dos santos, no

perdão dos pecados, na ressurreição da carne e na vida eterna», convidamos Jesus para a nossa casa, abrindo-nos ao seu Caminho.

Como um dos momentos da celebração eucarística e, ainda mais, da nossa vida eucarística, o Credo é muito mais do que um resumo da doutrina da Igreja. É uma profissão de fé. E a «fé», como o demonstra a palavra grega *píam*, é um ato de confiança, é o grande «Sim». É dizer «Sim» a alguém que nos explicou as escrituras como escrituras que falam de si. E este profundo «Sim», não só às palavras que ele proferiu, mas também à pessoa que as proferiu, que finalmente nos faz sentar à mesa. Se formos capazes de dizer, «Sim, confiamos em ti e entregamos-te a nossa vida», estaremos a ultrapassar a simples caminhada na sua presença; atrevemo-nos a abrir-nos à comunhão com Ele.

Os dois amigos caminhantes convidam, ou antes, pressionam aquele estranho a ficar com eles. «Sê nosso convidado», dizem eles, porque querem ser seus anfitriões. Convidam o estranho a pôr de parte o seu carácter de forasteiro e a tornar-se amigo de ambos. É isso que significa a verdadeira hospitalidade, oferecer um lugar seguro, onde o estranho se possa tornar amigo. Havia dois amigos e um estranho. Agora, porém, há três amigos, que partilham a mesma mesa.

### *- A mesa é o lugar da intimidade*

A mesa é o lugar da intimidade. À volta da mesa descobrimo-nos uns aos outros. É o lugar onde rezamos. É o lugar onde perguntamos: «Como foi o teu dia?» É o lugar onde comemos e bebemos juntos e insistimos: «Vamos, come mais um pouco!» É o lugar das histórias novas e velhas. É o lugar dos sorrisos e das lágrimas. Por outro lado, a mesa também é o lugar em que mais dolorosamente se sente o distanciamento entre os convivas. É o lugar onde os filhos sentem a tensão entre os pais, onde os irmãos e as irmãs manifestam a sua Ira e os seus ciúmes, em que se fazem acusações e em que os pratos e os copos se tornam Instrumentos de violência. À volta da mesa percebemos se há amizade e comunidade ou ódio e divisão. Precisamente porque a mesa é o lugar da intimidade para todos os membros da família, também é o lugar onde a ausência dessa intimidade mais dolorosamente se revela.

Quando, na noite antes da sua morte, Jesus se reuniu com os discípulos à volta da mesa, Ele revelou em simultâneo intimidade e distanciamento. Ele partilhou o pão e o cálice como sinal de amizade, mas também disse: «Vede, a mão daquele que me vai entregar está comigo à mesa!»

Quando penso na minha juventude, recordo em primeiro lugar as nossas refeições em família, sobretudo em dias festivos. Recordo as decorações de Natal, os bolos de aniversário, as velas de Páscoa e todos aqueles rostos

sorridentes. Mas também recorro as palavras de cólera, as saídas da mesa de rompante, as lágrimas, o embaraço e os silêncios que pareciam intermináveis.

Nós somos mais vulneráveis quando dormimos ou comemos juntos. A cama e a mesa são os dois lugares de maior intimidade. E também são os dois lugares de maior dor. Talvez por isso, destes dois lugares, a mesa seja o mais importante, pois é o lugar em que todos aqueles que vivem em nossa casa se reúnem e em que o espírito de família, comunidade, amizade, hospitalidade e verdadeira generosidade se podem exprimir e concretizar.

Jesus aceita o convite para entrar em casa dos seus companheiros de viagem, e senta-se à mesa com eles. Eles oferecem-lhe o lugar de honra. Jesus ocupa o centro. Eles sentam-se cada um a seu lado. Eles olham para Ele. Jesus olha para eles. Há intimidade, amizade, comunidade. De repente, qualquer coisa nova acontece. Uma coisa insignificante para um olhar inexperiente. Jesus é o convidado dos seus discípulos, mas, mal entra em casa deles, passa a ser seu anfitrião! E como seu anfitrião convida-os a entrar em plena comunhão com Ele.

Henry Nouwen, *Não nos ardia o coração? Uma meditação sobre a vida eucarística*, Paulinas, 2ª 2006. Capítulo III, *Convidando o Estranho*, pp. 56-69. Texto resumido e arranjado por Padre Leone Orlando.